

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ALICE ALVES DA SILVA

ANNE CAROLINE MARIA REIS

MARINA MARTINS CASTILHO DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO SUPORTE PSICOLÓGICO
NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DO
ADOLESCENTE INSERIDO EM PERIFERIA**

RECIFE/2023

RECIFE/2023

ALICE ALVES DA SILVA

ANNE CAROLINE MARIA REIS

MARINA MARTINS CASTILHO DA SILVA

**TÍTULO: SUPORTE PSICOLÓGICO NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DE ADOLESCENTES PERIFÉRICOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina TCC II do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Orientador(a): Profa Espec. Catarina Burle Viana

RECIFE/2023

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

S586i Silva, Alice Alves da.
A importância do suporte psicológico na construção de identidade do adolescente inserido em periferia/ Alice Alves da Silva; Anne Caroline Maria Reis; Marina Martins Castilho da Silva. - Recife: O Autor, 2023.
35 p.

Orientador(a): Esp. Catarina Burle Viana.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2023.

Inclui Referências.

1. Periferia. 2. Adolescente. 3. Suporte Psicológico. I. Reis, Anne Caroline Maria. II. Silva, Marina Martins Castilho da. III. Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 159.9

Dedicamos esta obra a nossos familiares e amigos, que de alguma forma
contribuíram para nosso crescimento pessoal e nos incentivaram para
construção do mesmo.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a Deus, familiares e amigos que nos ajudaram e incentivaram e acreditaram juntamente a nós neste projeto. Agradecemos também a instituição Unibra por nos proporcionar o espaço e qualificação de qualidade agregando a nossa bagagem de conhecimento e nos tornando prontos para o mercado de trabalho. Por fim, estamos infinitamente gratos aos nossos mestres que escreveram esta história juntamente a nós, em especial Catarina Burle, que nos orientou na construção deste projeto.

A todos, nossa gratidão.

RESUMO

A Psicologia é uma ciência que se presentifica em vários ambientes, a fim de compreender seus fenômenos e assistência à população, promovendo a saúde mental de maneira mais qualitativa. Contudo, pode-se observar que parte desses espaços não são contemplados de maneira igualitária, a exemplo disso temos a periferia que é um espaço composto em sua maioria pela classe popular, onde as condições socioeconômicas se apresentam de maneira mais limitadas ou precárias, comparada às outras classes, e a assistência prestada é apresentada de maneira escassa. A periferia demanda questões críticas e merecedoras de atenção devida por parte das políticas públicas responsáveis, a acessibilidade de serviços necessários como segurança, educação, saúde, assistência social e saúde mental. Reconhecendo as dificuldades presentes nos serviços básicos prestados à periferia, este projeto atrai a atenção para a vivência de adolescentes periféricos com o suporte necessário em seu espaço, a começar pelo suporte à saúde mental.

Palavra-chave: Periferia; Adolescente; Suporte Psicológico

ABSTRACT

Psychology is a science that manifests itself in various environments, aiming to understand its phenomena and support the population in promoting mental health in a more qualitative manner. However, it can be observed that some of these spaces are not equally covered, as an example of this, we have the periphery, which is primarily composed of the working class, where socio-economic conditions are more limited or precarious compared to other classes, and the assistance provided is scarce. The periphery demands critical issues deserving of due attention from responsible public policies, including accessibility to essential services such as security, education, health, social assistance, and mental health. Recognizing the difficulties present in the basic services provided to the periphery, this project draws attention to the experiences of peripheral adolescents with the necessary support in their space, starting with mental health support.

Keywords: Periphery; Teenager; Psychological Support

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS - Biblioteca Virtual de Saúde

BVS MS - Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde

CAPS - Centros de Atenção Psicossocial

CAPSij - Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

CREAS - Centros de Referência Especializados de Assistência Social

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS – Organização Mundial de Saúde

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde

PEPSIC - Periódicos Eletrônicos de Psicologia

PNSIPN - Política Nacional de Saúde Integral da População Negra

RAPS - Rede de Atenção Psicossocial

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

SUAS - Sistema Único de Assistência Social

SUS - Sistema Único de Saúde

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

VIGITEL - Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico

SUMÁRIO

1.	10	
2.	14	
2.1	Objetivo geral	14
2.2	Objetivos específicos	14
3.	15	
3.1	Adolescência	15
3.2	Identidade na adolescência.....	16
3.3	Periferia.....	17
3.4	Suporte Psicológico	21
4.	23	
5.	24	
5.1	Autopercepção negativa: Impactos no desenvolvimento psicossocial dos adolescentes	27
5.2	Influências externas: Analisando como às influências sociais/ culturais influenciam na identidade dos adolescentes e a necessidade do suporte psicológico.....	30
5.3	Desafios Sociais: Explorando marcadores sociais e impactos causados em decorrência dos mesmos	33
5.4	Saúde Mental: Explorando formas de promoção do acesso e direito ao cuidado psicológico	35
5.5	Suporte psicológico: Influências positivas geradas pela presença do Suporte Psicológico na Periferia	38
6.	40	
7.	42	

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é constituída por um período biopsicossocial que compreende, segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS (1965), a segunda década da vida, ou seja, dos 10 aos 20 anos. (Ferreira; Farias; Silveiras, 2010). No entanto, possui um processo dinâmico de acordo com cada perspectiva cultural, a ideia de adolescência passa por um período de transição em um conjunto com a puberdade, em torno dos 13 anos de idade. Segundo Santrock (2014, p. 37) em sociedades antigas, os jovens eram considerados adultos assim que atingiam a puberdade. No entanto, com o desenvolvimento da sociedade, a idade adulta foi adiada, e a adolescência passou a ser vista como um período de transição mais longo e importante para o desenvolvimento humano. Em 1904, após a publicação do livro de Stanley Hall, se constituiu um novo pensamento sobre a adolescência.

Hall enfatizava a importância da biologia na compreensão da adolescência, acreditando que as mudanças hormonais e as transformações corporais tinham um impacto significativo na Psicologia dos adolescentes. Ele também argumentava que a adolescência era uma fase crucial para o desenvolvimento humano, na qual as pessoas podiam desenvolver sua personalidade e encontrar sua identidade. (Hall, 1904, apud Santrock, 2014, p. 37).

Atualmente, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera-se adolescência a fase entre doze e dezoito anos. (UNICEF, 2019). A fase da adolescência é vista como um momento único que irá moldar a vida das pessoas. É um período crucial para o desenvolvimento e manutenção de hábitos sociais e emocionais importantes para o bem-estar mental, onde múltiplos fatores determinam e diferenciam a saúde mental de um adolescente para o outro, sendo assim um desenvolvimento único. (OPAS, S/D).

Apesar do ser humano ser um animal, existem fatores que o difere dos demais animais, como racionalizar seus pensamentos, conter as próprias emoções, ou adequar-se a um comportamento apropriado para uma ocasião em questão. Outro fator importante é o homem ter a capacidade de aprender e repassar costumes e hábitos aprendidos por observação comportamental, como nadar, cozinhar ou

pentear o cabelo. O tornando um ser ente cultural, pertencente a uma Prot cultura. (Bonnin, 1996, apud Fernando, 2013, p.53). Segundo (Fernando, 2013, p. 53) " no entanto, entram num processo plenamente cultural quando já dominam a fala." Ao observar a importância da comunicação para o homem torna-se um ser cultural, entende-se que o mesmo pode ser compreendido como um ser biopsicossocial. Significa dizer que seu funcionamento integral depende das suas interações biológicas, psicológicas e sociais.

Podemos identificar que a formação da identidade recebe a influência de fatores intrapessoais, onde são as capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade, de fatores interpessoais onde se trata de identificações com outras pessoas e de fatores culturais que são valores sociais a que uma pessoa está exposta, tanto globais quanto comunitários. (Erikson, 1972, apud Ferreira; Farias; Silves. 2003). O processo de construção de identidade permite que o indivíduo construa sua própria visão de mundo, sociedade e de si onde irá impactar na forma na qual ele lida com as situações ao longo da vida, se relaciona com as pessoas, se porta perante o mundo, seus conceitos de certo ou errado e entre outros.

Sendo assim mesmo a construção da identidade sendo um processo que todos os indivíduos passam ao longo da sua vida o desenvolvimento vai ser diferente para todos e os fatores externos irão impactar significativamente. Assim, é necessário analisar as influências ao longo do desenvolvimento, local de crescimento, a educação recebida e conseqüentemente a situação econômica. Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre o ano de 2020 e 2021 o número de pessoas vivendo em extrema pobreza teve um salto de quase 50% no Brasil. Verificando o crescimento dessa população pode-se analisar que dentre todos os impactos sociais que a extrema pobreza pode acarretar, pode vir a impactar também no aspecto psicológico e de identidade.

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, S/D) múltiplos fatores determinam a saúde mental de um adolescente e quanto mais expostos a fatores de

risco, maior o impacto na sua saúde mental. Alguns adolescentes estão em maior risco de problemas de saúde mental devido a exposição a violência, condição de vida, estigmas, discriminação, exclusão, falta de acesso a serviços e apoio de qualidade, onde geralmente a periferia contém todas ou algumas dessas condições.

Os moradores da periferia costumam fazer uso de unidades de saúde e suporte psicológico públicos por conter um preço mais acessível do que instituições privadas, no entanto, essas unidades por vezes não atendem as necessidades básicas que se procuram. Segundo pesquisa realizada pelo IBGE (2019) mostra que 80% das comunidades brasileiras estão a menos de 1 km, porém não foi investigado se a estrutura é suficiente para atendimento dessa população. Apesar dos cuidados com a saúde mental estarem presentes na Constituição Federal, é um processo que pode se tornar difícil para pessoas presentes na periferia (CNN Brasil, 2020). Segundo a Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel, 2021) 11,3% dos brasileiros receberam diagnóstico de depressão, onde em lugares mais pobres esses diagnósticos podem nunca chegar. (Brasil de Fato, 2022).

A saúde é um direito universal, segundo a Declaração dos Direitos Humanos, mas é visto de forma diferente quando se trata da saúde mental. Segundo informações reportadas pelo Brasil de Fato (2018) apesar de problemas relacionados à saúde mental como ansiedade, depressão, estresse e fobias terem aumentado, ainda permanece a dificuldade de acesso ao apoio psicológico seja pelo alto valor em consultórios particulares ou pela superlotação nos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS). Dessa forma, existem locais ofertados pelo governo ou projetos sociais de forma gratuita, com um valor acessível ou negociável para que pessoas de baixa renda possam também vir até um acesso à saúde e ao suporte psicológico. No Brasil temos alguns órgãos como SUS, Sistema Único de Assistência Social (SUAS), Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS) e Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Ainda assim, um relatório realizado pela OMS em 2021 revela uma falha mundial no fornecimento de apoio psicológico (OPAS,2021).

O apoio psicológico pode vir a desempenhar um papel crítico em ajudar os adolescentes a enfrentar esses desafios e construir uma autoidentidade positiva. Dessa forma, tem-se como pergunta de pesquisa e hipótese: Como a presença do suporte psicológico pode impactar na construção de identidade do adolescente inserido na periferia? Segundo a OPAS (S/D) os adolescentes que recebem apoio psicológico podem construir com resiliência para que possam lidar bem com situações difíceis ou adversidades, onde também o suporte psicológico pode ocorrer de diversas formas, sendo elas: intervenções online, na escola, intervenções focadas na família, programas voltados para adolescentes em estado de vulnerabilidade, entre outros. Ocorrendo de acordo com a necessidade, procura e disponibilidade de cada indivíduo e local de suporte. Assim é possível que o indivíduo com a ajuda do suporte psicológico recebido possa vir a aprender a desenvolver estratégias de enfrentamento, superar obstáculos e fazer escolhas positivas. Desempenhando uma construção onde o meio não se torna um grande determinante da identidade, mas, se torna uma característica dela.

Os cenários que as periferias brasileiras dispõem, retratam marginalidade, criminalidade e abandono por parte das políticas públicas. Crescer em tais cenários, desencadeia o entendimento para possibilidades de crescimento pessoal e oportunidades limitadas ao que se propõe no ambiente onde o adolescente periférico pode construir uma autopercepção negativa, estando associada a fatores socioeconômicos, ambientais e condutas comportamentais podendo variar de 1,2% a 38% dos jovens. (Silva; Andrade; Baad et al. 2016). Alguns critérios básicos, que contribuem de maneira qualitativa a vivência das pessoas em qualquer meio, na periferia são oferecidos de maneira escassa e desqualificada. O que indiretamente reforça essa ideia, que acaba por influenciar de maneira desfavorável a construção de identidade dos adolescentes pertencentes a este meio.

Analisando de uma perspectiva científica, entende-se que situações como o preconceito, a assistência escassa e má estruturação familiar presente na periferia, acaba por além de justificar a criminalidade proveniente deste meio, mostra a desvalorização as pessoas pertencentes às classes mais baixas, incapacitando e invalidando os valores pessoais dos indivíduos deste meio.

Entendendo que o olhar para tais necessidades, se torna o ponto de partida para a mudança dessa realidade, é de suma importância não somente para a Psicologia enquanto ciência, mas, toda comunidade científica possa inclinar-se a conhecer e entender um pouco mais sobre as periferias e seus comportamentos, para que assim possamos dar continuidade a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ambientes como a periferia que não somente carece atenção para suas necessidades, mas, para a explicação de comportamentos e fenômenos pertencentes somente a este espaço.

O desenvolvimento do trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo método utilizado foi a revisão sistemática de literatura, a base de dados utilizada foram os sites Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (Pepsic), foram encontrados 396 artigos e 8 foram os resultados.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Identificar como promover assistência psicológica na construção de identidade dos adolescentes periféricos

2.2 Objetivos específicos

- Apresentar a importância do suporte psicológico no espaço periférico;
- Apontar os desafios do meio periférico, que interferem diretamente na construção de identidade do adolescente deste meio;
- Ressaltar a importância da qualidade de vida dos adolescentes assistidos psicologicamente;

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Adolescência

A adolescência é uma construção social, conceito este que não existia nas sociedades pré-industriais onde as crianças eram consideradas adultas quando amadureciam fisicamente ou iniciavam em algum processo profissional. No século XX foi quando a adolescência se tornou um estágio da vida separado no mundo ocidental e atualmente é um fenômeno global. Isso significa que os jovens vivem em uma comunidade global com uma rede de interconexões e interdependências como por exemplo: informações, músicas, modas passageiras, danças e diversão espalhado ao longo do mundo. Porém isso não significa que o período da adolescência seja igual para todos ao redor do mundo, será modificado dependendo de cada cultura, país, linguagem e entre outros (Papalia, 2013).

É um período de transição no desenvolvimento que envolve mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais e assume formas variadas em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos. Uma mudança física importante no período da adolescência é a puberdade, que se trata de um processo de maturidade sexual e fertilidade. Antes acreditava-se que a adolescência e puberdade tinham início aos 13 anos, porém algumas discussões na medicina moderna observam esse período com o início em alguns casos antes dos 10 anos, porém a adolescência é compreendida atualmente no período entre 11 e 20 anos (Papalia, 2013, p. 386).

A adolescência é o período em que termina a infância e se faz o início da fase adulta desejada, porém também temida, sendo assim a adolescência é um momento crucial para o sujeito. É um período de novas descobertas, vivências e experiências que irá afetar o indivíduo significativamente se tornando uma fase em que o sujeito irá passar por mudanças, contradições, questionamentos, confusões, atritos familiares e sociais (Aberastury, 1982, p.13).

Observando esse processo de mudança dos adolescentes e estando mais próximos a atingirem a maior idade surge questionamentos referente a maturidade cerebral de cada jovem, segundo estudos realizados é analisado que o cérebro dos

adolescentes ainda está em andamento e que mudanças dramáticas referente a emoção, decisões, julgamento, organização de comportamento e autocontrole ocorrem durante essa transição entre a puberdade e a vida adulta (Papalia, 2013). A imaturidade cerebral pode também levar ao adolescente a estar mais propenso a entrar em situações de risco e isso pode ocorrer através de duas redes cerebrais, sendo elas a rede socioemocional que diz respeito a sensibilidade de estímulos sociais e emocionais como influência dos pares e a rede de controle cognitivo que regula as respostas a estímulos (Steinberg, 2007 apud Matos, 2019).

3.2 Identidade na adolescência

Hall (1992) acredita que ocorreu uma mudança estrutural na sociedade após o final do século XX onde ocorreram mudanças nas ações e pensamentos dos indivíduos referente a raça, sexualidade, cultura de classe, etnia e entre outros. Dessa forma ele desenvolve três concepções de identidade do sujeito, sendo elas: Sujeito do iluminismo que parte da concepção de um indivíduo centrado, racional, unificado onde têm como seu centro a sua própria identidade. O sujeito sociológico reflete sobre a complexidade do mundo moderno onde a compreensão de identidade é que ela preenche o espaço entre o interior e exterior, nesse caso o mundo pessoal e público. E o sujeito pós-moderno, onde está se tornando fragmentado, assim possuindo não apenas uma, mas várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas onde até o processo de identificação se tornou mais variável, problemático e provisório.

Comungando com o pensamento de Hall, Ciampa (1984) compara a identidade com uma novela, onde possui autor, enredo, narrativa e personagem onde juntando tudo isso surge a dúvida se não são todos esses papéis e ações que constroem a identidade, ocorrendo também interferência de todos com quem convivemos. Ele acredita ser uma mentira quem diz que a identidade é imutável, acredita que estamos em constantes mudanças sendo ela desejada, planejada ou incontrollável, mas que de uma forma ou de outra é considerada uma mudança.

Podemos imaginar as mais diversas combinações para configurar uma identidade como uma totalidade. Uma totalidade contraditória, múltipla e mutável, no entanto, una. Por mais contraditório, por mais mutável que seja, sei que sou assim, ou seja, sou uma unidade de contrários, sou uno na multiplicidade e na mudança. (Ciampa, 1989, p.61).

Os adolescentes geralmente estão em uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, e estão se adaptando a novas expectativas e responsabilidades. O ambiente em que se encontram pode afetar seu desenvolvimento e, conseqüentemente, sua aprendizagem, identidade e autopercepção. Se estiverem inseridos em um ambiente que os estimule a aprender e a se desafiar, eles terão mais chances de desenvolver habilidades e conhecimentos que serão úteis em sua vida adulta. Por outro lado, se estiverem em um ambiente que não os desafia ou não oferece oportunidades para o aprendizado, sua aprendizagem pode ser limitada. É importante que o ambiente em que estão inseridos seja desafiador, mas ao mesmo tempo seguro e encorajador (Neves; Damiani, 2006). Piaget acredita que o indivíduo retorna ao estado de equilíbrio e adaptação naturalmente, através da assimilação que se trata da tentativa de solucionar o problema relacionando há um conhecimento já presente em suas estruturas cognitivas e da acomodação, onde o indivíduo modifica as estruturas cognitivas antigas, constrói novas associações ao conhecimento prévio, domina a situação e amplia a cognição sobre a situação (Goulart, 2008; Munari, 2010; Piaget, 2013, apud Bressa; Caliani, 2017).

3.3 Periferia

O termo periferia dependendo do local, estado ou até país em que estiver pode ganhar novos nomes, visões e representações. O termo Gueto se consagra no grupo habitacional degradado das periferias que é uma distinção do centro da cidade sendo assim consagrado o subúrbio (Wacquant, 2008, p.17). No Brasil, o termo mais usado costuma ser favela, onde é um espaço destituído da infraestrutura urbana – água, luz, esgoto, saneamento básico, globalmente miserável, sem ordem, sem lei, sem moral (Silva, et al., 2009).

A periferia, mesmo não sendo o único local onde residem pessoas de baixa renda, é o local onde possui maior concentração da população pobre, sendo uma área com a localização de bairros mais distantes e com pouca assistência às residências e aos moradores. O nascimento da periferia surgiu a partir de três fatores, as substituições de trabalhadores estrangeiros por imigrantes nacionais, mudança no modo de solucionar os problemas de moradias dos trabalhadores que na época foi resolvido por iniciativa privada dando criação às vilas operárias. A partir da Segunda Guerra Mundial ocorreu um congelamento do aluguel e a necessidade de uma lei que protegesse os inquilinos, dessa forma a criação anterior deixou de ser lucrativa e assim foi criado um negócio de venda com pagamento em prestações de terrenos com baixo valor imobiliário, porém terrenos com localidades insalubres, distantes, dificuldade de acesso, sem serviço público e geralmente sem documentações legais. Com esse novo negócio surgiu a idealização, das classes populares, de conseguir finalmente uma casa própria, porém como resultado tiveram um imóvel em um bairro sem escola, pontos de saúde, rede de água e esgoto, dificuldade de acesso a transporte, casas construídas pelos próprios moradores, sem fiscalização, sem calçamento, iluminação e ruas irregulares (Durham,1986).

Partindo do pressuposto trazido por Ciampa (1984) e Hall (1992) onde acreditam em relação a construção da identidade do sujeito ser mutável e construída também com interferências externas pode-se analisar que o local de crescimento do sujeito irá interferir também na sua construção de identidade e no seu desenvolvimento, sendo esse local a periferia se torna relevante por múltiplas questões como: economia, oportunidades, segurança e entre outros.

Reconhecemos os conceitos e observações trazidas por Santos (2000) referente a sua compreensão que apesar da diversidade de pessoas, pensamentos e classes sociais mais ações deveriam ser tomadas para que grupos de baixa renda possam ter acesso a todos os locais e pessoas ao seu redor sem limitações. É importante que a periferia seja vista como um local ativo, que possui pessoas com interesses, vontades, sonhos e suas próprias subjetividades, não podendo ser um local esquecido. Para além de empatia externa tenha também atitudes internas para que se torne um local vivo para além da comunidade, com pessoas que possam além de sonhar, desejar e planejar também realizar. O interesse que muitas dessas pessoas podem vir a ter de

superação e mudança da sua realidade pode resultar em diversas formas de ações, visto que muitos não tem um apoio social, institucional e político onde pode vir a resultar em ações violentas que também se torna uma forma de discurso, um discurso que esse indivíduo pode ter recebido ao longo do seu desenvolvimento e essa se torna a forma dele de agir.

Segundo observações trazidas por Nascimento (1978) a desigualdade econômica e social é compreendida em companhia direta com a desigualdade racial, trazendo consigo comparações e diferenças claras entre pessoas negras e brancas. É abordado uma diferença em relação ao acesso à educação, moradia inferior, no local de trabalho sendo mais ativos como empregados do que empregadores, mais presentes em moradia na periferia e em todos esses dados e assuntos abordados a população negra está em desvantagem em comparação com a população branca. Segundo ele, causada também por impacto do período da escravidão, situação essa que permaneceu de outras formas pós a abolição da escravatura.

A abolição ocorreu por benefício econômico, porém sem desejo prévio de acabar com a desigualdade sendo pensado para benefício dos brancos e imigrantes. Após a abolição ocorreu uma nova configuração de trabalho, surgindo assim o trabalho assalariado, porém os negros agora então livres, não receberam nenhuma indenização pelo período escravista e foram excluídos do mercado de trabalho tendo então como acesso trabalhos informais, mal retribuído e condenados a periferia. O racismo está presente desde a escravidão, se estruturando como um sistema opressor negando os direitos a população negra. Dessa forma, indica-se que o Brasil não superou esse sistema, ainda está presente entre nós e nas nossas relações sociais. (Silva,2022)

A Abolição, por si mesma, não pôs fim, mas agravou o genocídio; ela própria intensificou-o nas áreas de vitalidade econômica onde a mão-de-obra escrava ainda possuía utilidade. E posteriormente, o negro foi condenado à periferia da sociedade de classes, como se não pertencesse à ordem legal. O que o expôs a um extermínio moral e cultural, que teve sequelas econômicas e demográficas. (Fernandes,1978)

Na periferia do Brasil, como nas classes mais populares existe um número maior de pessoas pretas do que brancas, segundo pesquisa realizada pelo IBGE (2019) 72,7% (38,1 milhões) da população pobre no Brasil é preenchida por pessoas pretas ou pardas, a partir desse número foi visto também que as mulheres pretas ou pardas fazem parte do maior grupo abaixo da linha da pobreza, contabilizando 27,2 milhões de pessoas. Em relação ao rendimento domiciliar médio per capita em 2018 as pessoas pretas ou pardas receberam em torno de R\$934 enquanto as pessoas de cor ou raça branca receberam em torno de R\$1.846. Também entre pretos e pardos, 42,8% (49,7 milhões) não são atendidos com coleta de esgoto; 17,9% (20,7 milhões), não têm abastecimento de água por rede; e 12,5% (14,5 milhões) não têm acesso à coleta de lixo.

Analisando que a pobreza e a periferia estão mais ativa na vida de jovens pretos e pardos, as oportunidades são mais difíceis de surgir também para essa população tendo como causa tanto as oportunidades que a situação econômica e de moradia trazem, como também o racismo que é sofrido pela população preta. As pessoas pretas e pardas tem maior índice de desemprego e trabalhos informais sendo investigado em 2021 a diferença de 33,4% entre os pardos e 32% entre os negros contra 22,5% dos brancos referentes a subutilização no local de trabalho. Nas taxas de informalidade tinha a avaliação de 43,4% entre os pretos, 47,0% entre os pardos e 32,7% entre os brancos. Analisando também a educação, moradia, bens, patrimônios em todos esses dados às pessoas pretas ou pardas estão com maior índice de rejeição ou desvantagem, porém quando analisamos a taxa de homicídio no Brasil vimos que ocorre uma mudança, onde a taxa entre pessoas pardas é de 34,1 mil mortes por 100 mil habitantes, 21,9 mil entre pessoas pretas e 11,5 mil entre pessoas brancas (IBGE,2022).

Dessa forma, pode-se analisar o detrimento que temos da população preta e parda, além dos desafios que a periferia trás para a população presente, ocorre uma distância significativa nas oportunidades e acesso entre pessoas brancas, pretas e pardas que se estendem para além da realidade periférica, onde é viável também reforçar como todas as situações que são atribuídas a pessoas periféricas, pretas e pardas dificultam ainda mais o seu desenvolvimento pessoal e crescimento ao longo tanto da adolescência mas também quando iniciar a fase adulta e novos planos, como por

exemplo cursar universidade, ter um emprego, construir seu próprio patrimônio e bens, e seguindo dados citados anteriormente pode-se considerar que todas esses planos, caso desejado e de interesse por algum jovem, o mesmo será impactado significativamente na sua busca e realização.

3.4 Suporte Psicológico

A Psicologia Social Comunitária no Brasil é uma das formas mais acessíveis de acesso à Psicologia principalmente a jovens e pessoas de periferia ou baixa renda, pelo fornecimento de atendimento de baixo custo ou até gratuito. Essa modalidade surgiu em meio a um grande momento histórico e socioeconômico do país, onde ocorreu o golpe militar em 1964. Tais momentos foram protagonizados pela repressão à liberdade e subjugamentos aos pensamentos que se diferem da ideologia militar. Tais ações do governo implicaram diretamente, de maneira individualizada, nos profissionais de Psicologia. Os propondo um questionamento quanto ao seu papel para a sociedade, no processo de conscientização e organização (Tatiana, 2017, p. 17). Ainda nesse período acontecia nos Estados Unidos, como nos demais países da América Latina, já era tida a expressão "Psicologia comunitária", que se referia diretamente a atuação do psicólogo juntamente a população popular, onde inicialmente os suportes oferecidos se apresentavam fortemente como uma Assistência (Tatiana, 2017, p. 17).

A Psicologia é composta por diversas áreas, assim como a Psicologia social comunitária, que é uma das facetas da psicologia social. Teve seu período inicial demarcado pelas adversidades que se voltavam para sua conceituação (Pontes; Santos; Cassandre, 2018). Inicialmente foi fortemente apontada de maneira crítica, e questionada quanto a sua metodologia e relevância para com suas implicações e contribuições para o momento crítico de repressão e poder, que o país protagonizava (Gouveia, 2015. Apud Pontes; Santos, Cassandre, 2018). No entanto, tais críticas e questionamentos elevaram a Psicologia Social, pois se voltavam para seus precursores e autores tradicionais como Silva Lane e Martin Baró (Franciscatti, 2016. Apud Pontes; Santos; Cassandre, 2018).

A Psicologia Social Comunitária, visa como preferência em sua estrutura, o bem-estar qualitativo da população comunitária, através do progresso das relações estabelecidas com a comunidade e o desenvolvimento de políticas sociais (Azevêdo; Pardo, 2014. apud Pontes, Santos, Cassandre, 2018). O trabalho desempenhado pela Psicologia social comunitária, se diferencia das outras práticas da Psicologia relacionadas à saúde, em questão de seu ambiente e a maneira de elaborar as atividades de intervenção. As atividades de intervenção, não são propostas dentro de um consultório, na verdade, acontecem em ruas ou espaços públicos frequentados pela comunidade. Dentro das atividades, as técnicas se mostram de uma outra forma, como por meio de recursos voltados a arte, como teatro, música e tudo o que possa se apropriar da criatividade humana, contendo dentro dessas atividades, com o propósito de direcionar e abordar a percepção das pessoas para as situações pertencentes a eventos desfavoráveis do dia a dia para todos, quanto sociedade (Freitas, 2015 apud Pontes; Santos; Cassandre, 2018).

Através da geração de canais de políticas sociais como o SUS, e a criação do SUAS, vem a se proporcionar campos de atuação importantes para o profissional de Psicologia no país (Silva; Corgozinho, 2011). Segundo (Perez, 2015 apud Silva; Corgozinho, 2011) existe uma conexão entre a disponibilidade de processos seletivos como os concursos públicos, e o processo de democratização no país, o que acaba por retratar de maneira evidente a devida importância da Psicologia quanto ciência, estar presente nas políticas públicas. Dentro contexto social, a atuação do psicólogo no SUAS, ou no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), se faz indispensável a presença deste profissional, entendendo-se que o CRAS é a porta principal de ajuda para a população que carece de assistência social, logo, o papel do psicólogo se volta ao contexto de proteção social básica (Costa, 2017).

Dessa forma, a atuação do psicólogo na comunidade se dá por meio de grupos, buscando contribuir por meio de uma reconfiguração do meio social e comunitário do indivíduo no seio familiar (Cruz, 2009 apud Costa, 2017). Tais atividades se voltam ao ato de prevenção, promoção a saúde mental no meio comunitário e proteção, procurando reabilitar a saúde mental e psicossocial nas camadas individuais e coletivas do indivíduo (Costa, 2017). Por este fato, se mostra necessária a compreensão por parte dos profissionais da área, entender as necessidades

comunitárias quanto um espaço de suma importância, igualmente a outros campos da Psicologia.

4. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Para a construção do presente trabalho, foi utilizada a abordagem metodológica de cunho qualitativo em relação aos objetivos, visto que, segundo (Denzin e Lincoln, 2006 apud Augusto et al, 2014) a pesquisa qualitativa consiste numa metodologia interpretativa do ambiente, significa dizer que os pesquisadores dessa abordagem, buscam retratar questões pertencentes aos cenários naturais, buscando entendimento para os fenômenos de maneira significativa, a partir da conferência dos dados empíricos colhidos, sendo estes presentes na sociedade.

O artigo em questão é construído com base na revisão sistemática de literatura, que consiste na reunião de muitos estudos, sendo estes quantitativos, qualitativos ou mistos, partindo empiricamente de uma mesma ideia (Galvão; Ricarte,2019).

Em busca dos artigos para a construção da presente pesquisa, foi realizada por meio de palavras chaves, de acordo com os objetivos da pesquisa, correspondendo com a Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). De tal forma foram selecionados os seguintes descritores: "adolescentes", "adolescência", "periférico". No entanto, dentre todos os descritores, não foram encontrados resultados para um deles na BVS, que seria "suporte psicológico".

Teve-se como estratégia de elaboração da pesquisa, os critérios de inclusão e exclusão dos artigos. Foram levados em consideração como critérios de inclusão, artigos na linguagem portuguesa, sendo estes artigos de revisão relacionados à temática em questão, dentro do período de pesquisa de dez anos, sendo os anos de 2013 a 2023, também foi considerado como critério, a disponibilidade dos artigos em formato gratuito para acesso. Para os critérios de exclusão, foram examinadas a relevância dos artigos disponíveis para a temática em questão, artigos sem objetivos claros e direcionados à temática. Também foram desconsiderados artigos construídos com menos de 10 páginas, e com disponibilidade limitada via pagamentos.

A partir da pesquisa com base nos descritores da temática trazida por este artigo, foram encontrados inicialmente 19.000 mil artigos. Ao alterar-se o período da pesquisa, o reduzindo a um limite de 10 anos, foram encontrados 16.100 artigos. Ao serem selecionados apenas artigos de revisão para a construção do presente artigo, reduziu-se o número de artigos a 546. Dentro deste quantitativo de artigos disponíveis, foram selecionados artigos apenas na língua portuguesa, chegando a um número de 396 artigos. Dentro dos 396 artigos disponíveis, foram selecionados apenas oito artigos, sendo levado em consideração para esta seleção, os artigos que mais apresentassem conteúdos de maneira relevante e próxima a temática, para ser tratada nos nossos resultados e discussão.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela abaixo refere-se a uma síntese dos materiais encontrados com similaridade ao tema que foram utilizados para construção do delineamento metodológico.

Autor/Ano	Título	Objetivos	Resultados	Considerações Finais
Silva, B. et al. 2016	Prevalência e fatores associados à autopercepção negativa em saúde dos adolescentes: Uma revisão sistemática	Revisar na literatura a prevalência e os fatores associados à autopercepção negativa em saúde dos adolescentes	Analisou-se além da procura de prevalência de autopercepção negativa, fatores socioeconômicos, relações interpessoais e comportamentos de risco à saúde	Os fatores analisados nos resultados estão interligados à autopercepção negativa em saúde dos adolescentes. Com aumento negativo no sexo feminino, baixa renda e maior idade

Furtado, J. et al. 2016	A Concepção de território na Saúde Mental	Esclarecimento dos diversos usos do termo território e suas possíveis correlações na prática de reinserção de pessoas com o sofrimento mental	Buscou-se como as noções de território e as políticas socioespaciais implicam no sofrimento mental, compreendendo a precariedade de suporte psicológico às essas pessoas na periferia ou semiperiferia	Tem prevalecido uma noção funcional de território, omitindo relações de poder e apropriações simbólicas e aumentando a tendência de reinserção de pessoas com sofrimento mental
David, E. 2018	Saúde Mental e Racismo: A Atuação de um Centro de Atenção Psicossocial II Infante Juvenil	Discutir as relações entre a atenção psicossocial e racismo na perspectiva dos profissionais de um Centro de Atenção Psicossocial II Infante Juvenil	O autor analisou o sofrimento psíquico das crianças/adolescentes expressam a existência do racismo e seu poder de humilhação social exigindo assim dos profissionais um cuidado em saúde antirracista	Conclui-se que apesar dos avanços das políticas de saúde mental firmada na luta antimanicomial e nas reformas sanitária e psiquiátrica segue sendo fundamental um olhar singular para a demanda da população negra
Araújo, A. 2019	Serviço Social e a Intersetorialidade na Saúde Mental: Uma Revisão integrativa dos trabalhos publicados no CBAS	Analisar o debate profissional sobre a intersectorialidade no âmbito da saúde mental a partir dos trabalhos publicados no Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais	Analisou-se que a compreensão do Serviço Social na saúde mental sobre a intersectorialidade recebe influências do debate da literatura relacionado ao trabalho em rede, interdisciplinaridade e integralidade	Conclui-se que apesar dos assistentes sociais reconhecerem os desafios existentes não consegue operacionalizar ações intersectoriais ou a articulação muitas vezes não expressa a capacidade profissional em articular dimensões
Oliveira, P. et al. 2020	Sobrevivendo: Vulnerabilidade social vivenciada por adolescentes em uma periferia urbana	Compreender sob a óptica da Bioecologia do Desenvolvimento Humano, os fenômenos sociais vivenciados por adolescentes atendidos em um Centro de Referência em Assistência Social	Os autores analisaram que segundo dados foi demonstrado a existência de um complexo multifatorial nas dinâmicas familiar e comunitária, que submete o adolescente à opressão ou à superação das suas limitações	Conclui-se que a compreensão das contradições inerentes à realidade dos adolescentes poderá subsidiar estratégias promotoras dos direitos dessas pessoas, o que favorece um desenvolvimento saudável

Ferreira, R. 2020	Trajetórias de Adolescentes Negros e Periféricos da Cidade do Recife e do Cuidado em Saúde Mental	Identificar as experiências com racismo vivenciadas pelos sujeitos, compreender os impactos afetivos e as resistências produzidas por eles diante das violências e investigar o CAPS como possível participante na produção de resistência.	O autor observou diversas situações de discriminação racial onde apesar da manifestação de sentimentos como mágoa e humilhação os adolescentes conseguiram desenvolver postura compromissada na vida e a presença no CAPS ajudou no reconhecimento deles enquanto sujeitos de direitos	Conclui-se que as trajetórias de vida desses adolescentes servem como referências para o fomento de rupturas com produções discursivas e práticas puramente criminalizadoras e patologizantes disseminadas na sociedade brasileira.
Silva, G. 2022	O genocídio negro no Brasil	Analisar as expressões e consequências do genocídio	Observou-se que a população negra é afetada no seu acesso à educação, cultura e ao mercado do trabalho formal. Sendo assim observando os privilégios da população branca em detrimento da população negra	Conclui-se que a sociedade brasileira ainda sofre de marcas do sistema escravocrata, assim como a desigualdade é um reflexo da dinâmica capitalista onde o genocídio manifestado por meio do racismo não foi eliminado das relações sociais.

Oliveira, E. Luiz, O. Couto, M. 2022	Adolescentes, áreas de pobreza, violência e saúde pública: um enfoque interseccional	Analisar a interseção entre áreas de pobreza e violência, identificando os fatores socioeconômicos que contribuem para a exposição de adolescentes a ambientes violentos e seu impacto na saúde pública	Os autores discutem acerca de como os adolescentes que vivem na periferia são rotulados através dos cenários de violência, o que resulta na exclusão social deles, mesmo que não necessariamente todos pertençam a esses rótulos.	Conclui-se que uma complexa rede de desvantagens sociais que se interligam, gerando opressões que transcendem a dimensão econômica. Aspectos como gênero, raça/cor, geração e local de moradia influenciam suas vivências, contribuindo para a perpetuação de violências e discriminações sociais.
--------------------------------------	--	---	---	--

5.1 Autopercepção negativa: Impactos no desenvolvimento psicossocial dos adolescentes

Seguindo a avaliação do trabalho de pesquisa realizado por Silva, B. et al (2016) verificou-se que a autopercepção negativa está associada a fatores socioeconômicos, ambientais e comportamentais. É frisada a importância de que a atenção para essa autopercepção esteja destinada aos adolescentes por se tratar de um período em que existem diversas modificações, sendo elas físicas, psicológicas e comportamentais tendo assim uma prevalência que pode variar entre 1,2% e 38% nessa faixa etária.

Na atual pesquisa, foram analisados estudos prévios realizados por diferentes pesquisadores, onde concluíram que algumas ações estão associadas diretamente à autopercepção negativa da saúde e condutas comportamentais, tal qual os fatores socioeconômicos e ambientais. Sousa et al (2010) analisando uma série de autores como Mireles et al (2015), Spein et al (2013), Farias Junior et al (2012), Galan et al (2016) e Winklud et al (2012) concluiu que o aumento no índice de fumantes e diminuição nas atividades físicas realizadas, estresse, comportamentos associados

ao suicídio, insatisfação com o peso e a vida estão assim relacionados à autopercepção.

Pode-se perceber que quanto mais locais estressores e disfuncionais em que um adolescente estiver envolvido, maior probabilidade disso afetá-lo psicologicamente e também nas suas relações com o meio, visto que ao longo do seu desenvolvimento ele será uma extensão do que aprendeu e viu até então. Visto também que a periferia é um local onde prevalece pessoas de baixa renda, através da pesquisa realizada analisaram que os adolescentes com a menor renda familiar apresentam maior chance de apresentar uma autopercepção negativa, visto que a renda é significativa para atividades de lazer, educação, moradia e serviços de saúde

De acordo com a pesquisa realizada por Oliveira et al (2022) onde seguiu-se o segmento através da perspectiva da análise interseccional multinível abordada por Winker e Degele que se trata de um movimento onde a análise parte do entendimento de entender como as diferenças sociais e opressões afetam um determinado grupo de pessoas, assim entendendo que o indivíduo é único e que as diferenças sociais, culturais e vivida por cada um irá interferir na sua vida de forma singular, dessa forma pode-se analisar como, quais e o que essas diferenças afetam na vida do sujeito. Dessa forma, depende de a análise identificar como a interação do sujeito com o meio no qual ele está inserido interfere no desenvolvimento, autopercepção, situações, vivências, acessibilidade e entre outros.

Assim, através dessa perspectiva, da pesquisa de campo e análise de dados realizada com jovens presentes na periferia através de entrevistas para identificar o impacto que ela tem na sua vida pode-se observar que eles têm receios do que poderá ocorrer no futuro, a sua perspectiva de futuro e de sociedade difere dos sujeitos presentes para além da periferia. Através das entrevistas realizadas pode-se notar que eles já o categorizam como excluídos socialmente, onde enxergam uma diferença entre a periferia e os bairros vizinhos, nota-se diferenças e percepções na busca de emprego, a visão da polícia sobre eles sendo taxados automaticamente de bandidos, reconhecem o deferimento de cor, raça e gênero que ocorre fortemente através dos muros da comunidade. Em relação a cultura consumida na comunidade, por exemplo, em relação a música na periferia têm como prevalência a preferência e valorização pelo funk, assim sendo influenciados na forma de vestir, vocabulário, postura onde

pode-se analisar que apesar da cultura ser elitista, na favela o baile funk é popular justamente por ser popular, onde adquire-se os olhares não apenas dos periféricos, mas também dos turistas e moradores de bairros vizinhos, em sua maioria moradores de classe média/alta.

Através do estudo realizado em campo por Ferreira (2020) com foco em jovens usuários de drogas e a acessibilidade a droga, pode-se analisar que os efeitos da pobreza, falta de acesso e a sofrência do racismo nos jovens entrevistados e na pesquisa realizada chegou-se à conclusão de que todas as situações que esses jovens são submetidos impacta diretamente em suas atitudes perante a sociedade, a sua visão e ações no mundo. Quando se avalia a evolução e ações tomadas quando os adolescentes começaram a ter acesso ao CAPS, pode-se notar ações tomadas pela instituição como regulação das situações de vulnerabilidade, articulações de cursos profissionalizantes, perspectivas de futuro, criação de relações menos prejudiciais entre outros. Concluíram que o campo da Saúde Mental tem um papel social estratégico onde é possível iniciar pauta para diversas discussões e que seja um campo a ser considerado uma questão social que requer investimentos e intervenções diretas nos componentes sociais como renda, educação, trabalho, cultura, lazer, saneamento básico entre outros.

Sendo assim, pode-se compreender que a autopercepção do sujeito conversa diretamente com o seu desenvolvimento, o seu local de origem, acessibilidade, relações, estabilidade e oportunidades. Como já discorrido anteriormente sabe-se que possui uma diferença significativa em todos esses e outros aspectos quando o seu desenvolvimento parte de origem periférica, é preciso que exista um olhar minucioso e políticas para que esse grupo em particular seja assistido psicologicamente, apesar da necessidade e que outros fatores não dependam apenas dos psicólogos mas de políticas públicas que ajam diretamente nessas comunidades trabalhando em segurança, saneamento, programas de estudo, amplo acesso para vagas de empregos e entre outros o psicológico desses indivíduos irá está relacionado em como irão lidar com essas oportunidades, como irão se perceber no mundo, conseguir ter um distanciamento e a consciência de que é possível seguir outro caminho e que a favela em que reside não é uma prisão, mas sim parte do seu processo de vida, crescimento e amadurecimento.

5.2 Influências externas: Analisando como às influências sociais/ culturais influenciam na identidade dos adolescentes e a necessidade do suporte psicológico

Segundo Oliveira et al (2020) a fase da adolescência é caracterizada por um período de notáveis e complexas transformações nos âmbitos biológico, psicológico e social, que transcorrem entre a infância e a fase adulta. Ela se revela como uma construção profundamente enraizada na história e na cultura, sensível às influências da dinâmica social que variam de acordo com os diversos contextos e momentos culturais em que o indivíduo se desenvolve. Estas influências, por sua vez, exercem um profundo impacto sobre o desenvolvimento da personalidade e, conseqüentemente, moldam o comportamento dos jovens, impelindo-os a buscar, no decorrer do processo de socialização, atingir uma maturidade em harmonia com o ambiente no qual estão inseridos.

Embora algumas mudanças sejam comuns a muitos jovens, os fatores socioeconômicos os expõem de forma única a problemas de saúde e exclusão social. Ele também explica que as fragilidades presentes numa periferia como as relações familiares e sociais, quando não assistidas por parte das políticas públicas responsáveis por atender suas necessidades, podem afetar de maneira negativa os adolescentes, e resultar na facilitação para o envolvimento com drogas e outros tipos de violência ali presentes. Uma vez onde entende-se que o meio é um influente ativo na formação dos adolescentes, que se encontram no processo de autoconhecimento e desenvolvimento de sua identidade.

Algumas características pertencentes a cultura periférica estão relacionadas diretamente a alguns ciclos que se repetem de geração em geração, a exemplo disso apresenta-se a gravidez indesejada na adolescência. A educação sexual ainda é um diálogo hostilizado pela população, o que acaba influenciando na defasagem das informações deste assunto, para a formação e prevenção dos adolescentes. A ausência do diálogo sobre educação sexual nas casas, também acaba por infundir que tais descuidos não somente são aceitos, mas reforça a ideia de maneira naturalizada.

Inicialmente, é importante salientar que as influências sociais, que englobam a família, amigos e colegas, desempenham um papel substancial na definição da identidade dos adolescentes. A família, sendo a principal unidade de socialização, transmite valores, crenças e expectativas que podem moldar a perspectiva de vida dos jovens. Os amigos e colegas, por sua vez, exercem uma influência considerável, frequentemente conduzindo a escolhas de estilo de vida, interesses e autoestima. A mídia e a cultura popular surgem como elementos de peso na construção da identidade dos adolescentes. Filmes, música, redes sociais e outros meios de comunicação impactam as percepções dos jovens sobre beleza, sucesso, relacionamentos e padrões sociais.

Ainda seguindo a avaliação de Oliveira et al (2020), percebe-se que a oportunidade para a prática de atividades esportivas ou lazer, apesar de serem bastante positivas para interação social dos adolescentes, e influenciar diretamente nas características de sua identidade, são atividades pouco ofertadas nos espaços periféricos, o que acaba sendo negativo para a construção de objetivos e autodescoberta desses adolescentes. A rua acaba sendo o atrativo para distração, no entanto, acaba evidenciando a criminalidade que se propõe a fácil acesso neste espaço.

Através da pesquisa de campo realizada por Oliveira et al (2022) pode-se avaliar o acesso, perspectiva e as limitações atribuídas ao jovem periférico. A diferença social que é percebida por eles em comparação com os jovens fora da periferia e a vulnerabilidade para sofrer discriminações e violências. Através da periferia o acesso musical dos jovens têm como prevalência o funk, onde muito se dá através da forte cultura do baile funk nas comunidades, a religião com prevalência na evangélica se torna forte pelos cristãos possuírem uma maior proteção dentro da comunidade, onde podemos analisar que não é uma cultura religiosa seguida apenas por fé, mas por segurança. Quando se trata do mundo dentro da periferia, podemos analisar que poucas ações são tomadas apenas por desejo genuíno do sujeito, mas são indiretamente impostas com uma tentativa de pertencimento e segurança para ele e sua família. Oliveira et al (2022) também relatou que a periferia é depositária da lógica da sociedade circundante que reafirma os pretos, pardos e pobres como criminosos e violentos e seguindo essa lógica, parte dos adolescentes e jovens tende a reproduzir

violências em suas práticas cotidianas, bem como associações com o crime e com o tráfico.

Na pesquisa realizada por Ferreira (2020) observou através das narrativas dos adolescentes um reforço na denúncia contra o mito da democracia racial que omite todas as atrocidades sofridas diariamente pela população negra e periférica brasileira. Percebeu-se assim que o racismo deve ser compreendido como relação de poder que se manifesta através das instituições sociais e a sua superação exige a problematização e o rearranjo destas, onde requer transformações que envolvam as dimensões socioeconômicas, políticas, culturais e éticas, assim essa perspectiva testemunha subjetividades produzidas a partir da imersão em fortes sentimentos de discriminação e humilhação diários que afloram de relações desiguais de poder, as quais situam estes sujeitos como pessoas sem qualquer tipo de valor.

Conforme analisado por Oliveira et al (2020) a carência de um respaldo adequado tanto do ponto de vista social quanto familiar pode, em grande medida, ser associada à incapacidade que uma significativa parcela de adolescentes apresenta no que concerne à sua habilidade de enfrentar os desafios impostos por comportamentos delinquentes, moralmente questionáveis e, por vezes, até violentos, que ocasionalmente são vivenciados nas interações com pares e nos contextos comunitários em que estão inseridos. Reconhecemos assim, necessário que esses jovens sejam assistidos socialmente e psicologicamente, onde seja analisado todos os locais em que estão presentes e se inserindo, como também analisar o motivo pelo qual eles estão nesses locais, onde às atitudes tomadas levem em consideração os recortes sociais, raciais, de gênero e financeiro.

Acreditamos que os Centros Sociais que prestam apoio a população periférica, podem infundir novos costumes e comportamentos nesta cultura por meio dos adolescentes, a partir da atuação mais incisiva dos profissionais de Psicologia, atuantes na área social e comunitária, a fim de direcioná-los a uma nova crença para seus sonhos e objetivos pessoais. A desestrutura familiar, preconceitos associados a cor da pele, desigualdade social e fatores socioeconômicos, os fazem acreditar que algumas realidades são inalcançáveis mediante o cenário que perpetua a vivência destes adolescentes, os certificando que a maneira mais rápida e fácil de alcançar

seus objetivos, só pode ser por meio daquela que se propaga de maneira mais crescente e acessível na própria periferia.

Entendemos que o investimento necessário por parte de nossas políticas públicas, para reforçar os Centros Sociais com a quantidade de profissionais capacitados, para realizar o trabalho de apoio às periferias, poderá levar a assistência necessária sem desamparar, ou transtornar o apoio prestado, mas alcançar a todos aqueles que necessitam suporte. Reforçar e potencializar a estima dos adolescentes, os levando a consciência de que apesar de suas condições socioeconômicas, se diferem das demais pessoas presentes em outros espaços, isso não os impossibilita de modificar a própria realidade, tampouco de atingirem suas metas.

5.3 Desafios Sociais: Explorando marcadores sociais e impactos causados em decorrência dos mesmos

Oliveira et al (2020) aborda o tema relacionado às violências nas quais os adolescentes são submetidos, sendo elas: homofobia, racismo, sexismo, assédio sexual e violência física que ocorrem em diversos locais nos quais os adolescentes estão inseridos, sendo eles: escola, comunidade, na família e devido à falta de políticas de segurança pública onde reconhecem essas violências de forma física e psíquica. Para jovens residentes de comunidades o uso e acesso a droga se torna mais fácil, dessa forma foi reconhecido por eles que a violência psíquica está associada ao uso de drogas e narcotráfico. Observou-se que o efeito de prazer e alívio da droga no adolescente em vulnerabilidade social ocorre como via para superação social e condição causal da opressão. A forma de superação analisada por eles, foi atribuída a família - tendo como centro a mãe - trabalho e esporte. Concordamos com a informação das violências que os adolescentes podem vir a ser submetidos ao longo do seu desenvolvimento e reconhecemos que estando em um local periférico onde possuem mais fácil acesso às drogas pode-se considerar esperado que as drogas sejam vistas por eles como uma válvula de escape e um caminho fácil a se seguir quando se têm perspectiva de futuro baixa ou nula. Assim observa-se que a rede de apoio que o adolescente recebe e outras atividades na qual ele pode ser inserido podem ajudá-lo a seguir outro caminho, criar outras perspectivas, objetivos e além de um desejo de mudança a crença de que pode mudar.

Quando falamos em violência é importante compreender que além dos tipos de violências citadas acima existem grupos que são atingidos constantemente, socialmente falando, podemos considerar que existem nichos, níveis e blocos diferentes para cada indivíduo onde dependendo de como ele é lido socialmente terá peso e medida diferente para suas atitudes. Percebe-se que existem distanciamentos e diferimento social que irão depender do seu gênero, etnia, raça, orientação sexual, identidade de gênero e renda familiar sendo o sujeito mulher, negro, que não se identifica como cisgênero ou hetero sexual e não é de classe média/alta se configura como um sujeito que não é ouvido e assistido socialmente da mesma forma de um homem, branco, cisgênero e heterossexual. Oliveira et al (2020) apresenta dados trazidos por Monteiro e Cecchetto, 2001 e Cerqueira et al, 2019 quando informam que às mortes violentas no Brasil tiveram um aumento significativo nos últimos dez anos enfocando em homens jovens de 15 a 29 anos, pretos ou pardos e moradores de periferia, como resultado da ausência de políticas de segurança pública e com isso é reproduzido discriminações sociais que são potencializadas na/pela articulação de marcadores sociais da diferença, como gênero, classe, raça/cor.

Através da pesquisa previamente realizada de Macedo et al, 2016 e Pinho 2007, Oliveira et al (2020) observou que falta informações sobre os aspectos psicossociais anteriores às situações de violência contra crianças e adolescentes. Assim os estudos qualitativos contribuem e aprofundam dimensões do complexo e multidimensional fenômeno da violência envolvendo os jovens, mas na perspectiva qualitativa ressaltam que os sistemas de gênero, raça/cor e classe no território periférico urbano mostram-se como um campo conflitivo que, de um lado, envolve alguns homens jovens em práticas sexuais e comportamentais violentas e, de outro, situam algumas mulheres jovens sob a opressão masculina. Compreendemos que existem diversos fatores que influenciam em situações em que colocam o sujeito em estado de vulnerabilidade, porém consideramos que os demarcadores sociais, como apresentados, intensificam significativamente para direcionar, manter ou trazer esse sujeito a um estado de subserviência. Enfatizamos o fato de que são características inerentes ao sujeito dessa forma não há o que ele possa fazer para que seja alterado a percepção social da sua vida, é um estigma que o segue perante toda a vida, e sendo ele um jovem periférico onde o capital não é alto pode servir como um aprisionamento visto que ali todos, socialmente falando, não são bons o suficiente

para serem vistos ou merecedores de esforços para melhorar e ajudar no desenvolvimento de suas vidas.

Silva (2022) reconhece que no Brasil ocorre um genocídio negro onde têm impacto cultural, socioeconômico, acesso à educação de qualidade, inserção no mercado de trabalho formal e superlotação do sistema penitenciário em maioria composto por pessoas negras. Em contrapartida, observa-se que os brancos possuem privilégios na sociedade brasileira, onde mesmo a desigualdade racial sendo algo concreto é justificada através do mito da democracia, minimizando a desigualdade entre negros e brancos e responsabilizando os negros por suas condições precárias. Concordamos e adicionamos a sua análise que é comum ser visto discursos de superação e falas positivas onde aparentemente é apenas ir atrás, buscar recursos, estudar, procurar um emprego para que consiga mudar a sua realidade, porém esse discurso é normalmente dito por pessoas de diferentes realidades, realidade essa diferente da periférica e vivida por pessoas negras ou grupos criticados socialmente. Quando se faz parte de pelo menos um desses grupos, é preciso que os discursos de incentivos venham com consciência dos recortes sociais e acompanhados de iniciativas que ajudem a fazer a diferença, nesses casos é necessário mais do que palavras de apoio para que seja de fato feita a diferença.

5.4 Saúde Mental: Explorando formas de promoção do acesso e direito ao cuidado psicológico

A saúde mental além de ser além de ser falada precisa ser promovida de forma consciente, sendo consciente na importância que a profissão e o trabalho demandam, das dificuldades que podem ser apresentadas no caminho e na acessibilidade. A Psicologia precisa se tornar consciente do elitismo que está em torno da mesma, a saúde mental é o básico que qualquer indivíduo pode e deve manter como uma de suas prioridades, se assim desejado, e é importante para os psicólogos terem consciência que a forma em que irão chegar nesses indivíduos será de forma diferentes, que irão ocorrer recortes sociais que não poderão ser ignorados. Considerando a pesquisa atual onde o ambiente de acesso é a periferia sabe-se às diferenças sociais, como já apresentadas anteriormente, entre os sujeitos presentes dentro e fora da periferia, apesar da possível proximidade de um bairro para o outro

existe um recorte social evidente onde apesar da Psicologia aplicada ser a mesma, a forma na qual ela vai chegar, a linguagem utilizada e como será desenvolvida será diferente.

A pesquisa desenvolvida por Furtado et al. (2016) abordou a importância do território na saúde mental onde utilizou-se da explicação trazida pela Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde (BVS MS,1994) onde relatou que o conceito de território e responsabilidade é garantir o direito dos usuários a assistência e/ou recusa do tratamento, como a obrigação do serviço em não os abandonar, dessa forma saindo do modelo hospitalocêntrico e dar abertura a distritalização da saúde mental. Notando-se a diferença e singularidade de cada território, Furtado julga necessário, após reconhecimento que grandes centros urbanos constituem territórios complexos de difícil acesso e interação com os indivíduos, trabalhar no território sabendo de todas as questões presentes naquele local, presume-se a ocorrência de uma reflexão crítica das possibilidades e dificuldades de uma inserção voluntária das pessoas com transtorno mental para acesso aos locais de suporte, por exemplo o CAPS.

Ainda através da análise da BVS MS (2005) onde aborda que o território é a designação não apenas de uma área geográfica, mas de pessoas, instituições, redes e os cenários presentes da vida comunitária, assim sendo concluiu que trabalhar no território não significa trabalhar na comunidade mas trabalhar os componentes, forças e saberes do local, podendo resgatar todos os saberes e potencialidades dos recursos presentes, conseguindo construir de forma coletiva as soluções, a multiplicidade de trocas entre as pessoas e os cuidados em saúde mental.

Segundo Araújo (2019) a intersetorialidade, que se trata da proposta conjunta de pessoas de diferentes áreas para realização de atividades que possam promover mudanças, é fundamental para contribuir com o processo de desinstitucionalização e com o acesso dos usuários aos direitos sociais e de cidadania, onde apesar de considerar pequeno o número de pesquisas e falas a respeito da intersetorialidade no campo da saúde mental, consegue observar maior procura do tema no campo do Serviço Social, onde também observa se tratar de um apoio importante para usuários da saúde mental, onde na prática pode ser realizado através de visitas institucionais, contatos telefônicos e reuniões para estabelecer diálogo com as outras políticas setoriais, entre as quais as mais acionadas para viabilizar os direitos sociais dos

usuários são as políticas sociais que fazem parte da seguridade social sendo ela a assistência e previdência social. Dessa forma, considera fundamental que os serviços da saúde mental sejam intersetoriais, que as equipes articulem os diversos serviços da RAPS e das outras políticas setoriais para viabilizar o acesso dos usuários aos direitos sociais.

David (2018) aborda a importância do acesso, expondo a negligência e diferença referente ao acesso a saúde mental em detrimento da população negra e baixa renda ou até mesmo sendo acusados de estar em sofrimento psíquico ou de possuir algum transtorno mental, geralmente ocorrendo de forma pejorativa e preconceituosa. De acordo com a sua análise, o CAPSij evidenciou que o sofrimento psíquico de crianças e adolescentes expressam/denunciam a existência do racismo e seu poder de humilhação social. Reconhece os avanços das políticas de saúde mental ancoradas na luta antimanicomial e nas reformas sanitária e psiquiátrica onde já trazem uma série de elementos capazes de dar visibilidade e ferramentas de intervenção no tocante às demandas referentes à população negra, porém entende através da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) que é necessário um olhar minucioso as políticas da população negra.

Referenciando a luta antimanicomial onde trazia paradigmas referente a saúde mental e seus transtornos acredita que a proposta realizada pelo CAPSij de aquilombamento do povo, onde diz respeito ao processo de sair do paradigma racista, trabalhando pela desinstitucionalização do racismo como relação de poder, seria colocar o processo em jogo assim exigindo e escancarando que é preciso ocorrer uma mudança no tratamento psicológico da população negra. Desejo que seja exigido justiça, equidade, restituição e reparação. Concorda e deseja políticas públicas que afirmem e apoiem as utopias das lutas abolicionistas e das potentes e transformadoras revoltas negras, como já ocorreu por exemplo na Revolta dos Malês (1835).

É preciso que as políticas públicas e as ações psicológicas além de agirem em territórios onde geralmente não são explorados, onde a população não possui conhecimento ou tem acesso a um real suporte psicológico tenham consciência do local onde estão entrando e qual a população que reside ali. É importante diferenciar e entender que o tratamento realizado em um indivíduo branco, de classe média é

diferente do realizado no sujeito preto, de baixa renda. O discurso, as palavras usadas, a atenção prestada precisam ser diferentes, não por ser mais ou menos importante, mas por se tratar de um recorte social significativo para a vida do sujeito. A realidade é diferente, logo todo o processo de escuta, acolhimento e apoio se tornam diferentes.

5.5 Suporte psicológico: Influências positivas geradas pela presença do Suporte Psicológico na Periferia

Abordado por Ferreira (2020) que trouxe o olhar de Fanon (2008), onde apresenta o conceito psicanalítico de "trauma" para remeter-se ao sofrimento pelo racismo vivenciado por pessoas negras, em sociedades onde a branquitude se encontra no topo da hierarquia racial, instituindo padrões socioeconômicos e de identidade, deslegitimando padrões e costumes da cultura negra. Além de distanciá-los de sua realidade, os colocam em desconexão com o mundo, impedindo uma construção autêntica em sociedade, e contribuindo para o sofrimento psíquico.

Nas periferias, têm-se presentificado mais fortemente o CAPS destinado ao atendimento especializado para adolescentes usuários de drogas, com o intuito de assegurar seus direitos, e prestar apoio direto na ressocialização desses adolescentes. No entanto, para além das drogas que interferem de maneira negativa diretamente na vida dos adolescentes, há outras adversidades que também carecem de tamanha assistência e acolhimento. Questões como abuso sexual, que por vezes é vivenciado na infância, bullying, ansiedade, transtornos alimentares, são casos que perpetuam a vida dos adolescentes, e interferem diretamente na construção de identidade deles, tornando-se traumas que em sua maioria são levados para a vida adulta, interferindo em suas relações sociais, e em outros aspectos de sua personalidade. Situações atreladas à desigualdade social que se mostra de maneira vítria na sociedade brasileira, do mesmo modo não somente interferem, mas constituem padrões de comportamentos que buscam uma reação em defesa das consequências associadas à desigualdade.

Ainda em alguns lugares a compreensão por saúde mental é pertencente aos pensamentos associados a transtornos mentais severos, estas noções relacionadas

ao cuidado com a saúde mental na perspectiva da periferia, estão também relacionadas há como se têm acesso aos serviços básicos de saúde prestados à comunidade, relacionados ao acesso à informação acerca de saúde mental, e suporte. Ferreira (2020) aponta que é necessário acolher as emoções compreendendo os múltiplos sentidos atribuídos às mesmas, a subjetividade psicossocial que instigou e a emersão de tais sentimentos e emoções geradas pelo ambiente. A adolescência é perpetuada pelo excesso de acontecimentos, questionamentos e mudanças, onde o suporte psicológico se faz primordial acerca de não somente atender necessidades individuais, mas impactar de forma positiva a fim de elevar qualitativamente o desenvolvimento deles, sem desconsiderar ou inferir em sua cultura, mas ressignificar aspectos pertencentes a mesma que ainda hoje, impactam e estagnam os adolescentes a repetição de costumes lhes são dissociados.

Através da perspectiva trazida por Oliveira (2020) é pontuada diferenças e marcadores nos jovens periféricos, estigmas e rótulos atribuídos aos indivíduos independentes de qualquer coisa, apenas por estarem presentes na periferia. Esses marcadores atribuídos a eles estão presentes no seu cotidiano como jovens inseridos na pobreza urbana, criando assim uma desvantagem social que ultrapassa a base econômica, como gênero, raça, geração e moradia. Nesses marcadores que são inseridos, é observado que têm um reflexo direto atribuições na saúde física e mental dos jovens onde têm como reflexo nas atitudes e situações como violências, sexo desprotegido, gravidez na adolescência, consumo abusivo de drogas. Sendo assim, observam como necessário a presença de profissionais da saúde para que, em sua atuação com os jovens, não os levem a sofrer outras violências no momento do atendimento e cuidado oferecidos.

Dessa forma, enfatizamos a importância para que além da propagação da saúde mental e do suporte psicológico ele seja de fato implantado na periferia e que essa implementação seja realizada consciente de todas as peculiaridades que um jovem da periferia carrega consigo, que seja observado pelo profissional os recortes sociais presentes nesse local. Apresentar e oferecer o suporte psicológico para esses adolescentes pode se tornar determinante para que o seu desenvolvimento e construção difira de alguns estigmas e predisposições que a periferia carrega consigo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicologia pertence a todos os espaços, porém em alguns desses espaços ela não aparece com tanta força e eficácia. Em vista de tais carências presentes nas periferias, destaca-se a necessidade pelo acolhimento e atendimento referentes a saúde mental, tornando-se devidamente importante entender que é necessário que a Psicologia protagonize em todas as realidades, levando em consideração, que tais realidades não são tão assistidas cotidianamente, não somente pelas políticas públicas, mas, pelos grupos de atenção às necessidades básicas, a começar pela saúde, que é devidamente importante e necessária para todos.

No Brasil, vários dos episódios relacionados à criminalidade, são associados às pessoas pertencentes ao meio periférico, pois, por parte da maioria das vezes esses episódios, são pessoas deste meio que o protagonizam. Diferente das diversas estruturas familiares presentes em outras classes e espaços, na periferia a ausência de assistência desde a estruturação familiar até a assistência de serviços básicos ofertados pelo Governo, parte das famílias presentes em periferia, são de base frágil e desestruturada, o que acaba influenciando a sequência da criminalidade presente nesses espaços. Sendo esta, uma das possíveis justificativas para a repetição de tais comportamentos como casar e ter filhos ainda na adolescência, ou recorrer ao tráfico de drogas, por se reconhecerem limitados a um único espaço para seu crescimento pessoal, vê-se a carência de escuta e apoio, principalmente psicológico, para uma construção de identidade sólida e independente do próprio espaço.

Os resultados adquiridos na presente pesquisa, permitem compreender a suma importância do suporte psicológico para adolescentes em processo de construção de identidade, moradores de periferia. Pode-se observar que a potencialização presente no meio periférico, partindo dos adolescentes lá presentes, pode se tornar um meio ainda mais potente se houver a presença da assistência necessária por parte das políticas públicas, de maneira assídua em apoio às adversidades presentes no meio periférico e suas vulnerabilidades.

Desta maneira, a compreensão dos fatores apresentados nesta pesquisa perpetuar a inclinação para o debate de maneira mais ampla e significativa, não somente por parte da Psicologia enquanto ciência, mas, de todas as ciências que hoje contribuem para o crescimento e melhorias da vida humana, para que haja um desenvolvimento mais qualitativo para estes adolescentes.

7. REFERÊNCIAS

Aberastury, A. Adolescência Normal. 1.ed. Porto Alegre: Artmed, 1981

Augusto, C. et al. Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/zYRKvNGKXjbDHtWhqjxMyZQ/?lang=pt>. Acesso em: 08 de maio de 2023

Bressa, R.; Caliani, F. Refletindo sobre a aprendizagem: As teorias de Jean Piaget e David Ausubel, 2017. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/66f8/16b4eb71d884a4e9eec7caf7b97808735cb4.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2023

Cabral, U. Pessoas pretas e pardas continuam com menor acesso a emprego, educação, segurança e saneamento, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35467-pessoas-pretas-e-pardas-continuam-com-menor-acesso-a-emprego-educacao-seguranca-e-saneamento> . Acesso em: 09 de maio de 2023

Campos, R. In: Campos, Regina (Orgs). A Psicologia social comunitária da solidariedade à autonomia (pp. 9-15), 20.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996

Ciampa, A. C. Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). Psicologia social: o homem em movimento (pp. 58-75), 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989

Console, L. Saúde mental, um direito ainda pouco acessível. Brasil de Fato, 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/09/12/saude-mental-um-direito-ainda-pouco-acessivel>. Acesso em: 22 de abril de 2023

Durham, E. A sociedade vista da periferia. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 1, v.1, São Paulo: Anpocs, 1986.

Estatuto da Criança e do Adolescente. UNICEF, 2019. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>. Acesso em: 22 de abril de 2023

Fernandes, F. In: Nascimento, A. do. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. Prefácio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Ferreira, T.; Farias, M.; Silves, E. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório, 1 de abril de 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/X5DFFZCZsb4pmlChTsQVpb/?lang=pt>. Acesso em: 29 de março de 2023

Galvão, M; Ricarte, I. Revisões sistemática da literatura: Conceituação, produção e publicação, 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835>. Acesso em: 08 de maio de 2023

Legal, M. Saúde, um direito dos adolescentes. 1.ed. Brasília: Editora MS. 2007.

Massuella, L.; Lago, C.; Boldrini, F. 80% dos moradores da periferia estão a menos de 1 km de uma unidade de saúde. CNN BRASIL, São Paulo, 19 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/80-moradores-da-periferia-estao-a-menos-de-1-km-de-uma-unidade-de-saude/>. Acesso em: 26 de março de 2023

Matos, G. Porão consciencial, grupalidade e reciclagem das amizades ociosas, 2019. Disponível em: <http://repositorios.org/xmlui/handle/123456789/749>. Acesso em: 08 de maio de 2023

Nery, C. Extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos, 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos> . Acesso em: 09 de maio de 2023

Neves, R.; Damiani, M. Vygotsky e as teorias da aprendizagem. UNIrevista, São Leopoldo v.1 n.2, 2006

Nascimento, A.O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Papalia, D. E. e Feldman, R. D. (2013). Desenvolvimento Humano. Porto Alegre, Artmed, 12^a ed

Pontes, I.; Santos, V.; Cassandre, M. As compreensões intervencionistas da Psicologia social comunitária latino-americana a partir de uma revisão bibliográfica e bibliométrica, n.31 v.16. Maringá: Cadernos Prolam/UPS, 2018

Relatório da OMS destaca déficit global de investimentos em saúde mental. PAHO., 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/8-10-2021-relatorio-da-oms-destaca-deficit-global-investimentos-em-saude-mental>. Acesso em: 13 de março de 2023

Rodrigues, J. Saúde mental: Moradores de periferias e favelas sofrem com falta de atendimento. BRASIL DE FATO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2022/09/26/saude-mental-moradores-de-periferias-e-favelas-sofrem-com-falta-de-atendimento#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20pesquisa,ter%20recebido%20diag%C3%B3stico%20de%20depress%C3%A3o>. Acesso em: 2 de Abril de 2023

Santos, M. Território e sociedade: entrevista com Milton Santos. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

Saúde mental dos adolescentes. PAHO, [s.d]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>. Acesso em: 13 de março de 2023

Silva, B.; Andrade, P.; Baad, V. Prevalência e fatores associados à autopercepção negativa em saúde dos adolescentes: Uma revisão sistemática, 09 de novembro de 2016. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/5400/pdf>. Acesso em: 3 de abril de 2023

Silveira, D. Extrema pobreza bate recorde no Brasil em dois anos de pandemia, diz IBGE. G1 GLOBO, Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/economia/noticia/2022/12/02/extrema-pobreza-bate-recorde-no-brasil-em-dois-anos-de-pandemia-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 30 de março de 2023

Silva, G. O genocídio do negro no Brasil. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/216462> Acesso em: 10 de maio de 2023

Silva, J.; Corgozinho, J. Atuação do psicólogo, SUAS/CRAS e psicologia social comunitária: possíveis articulações, 2011 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/hfMzSBCwb3sMh5cShTYqLzD/?lang=pt> Acesso em: 09 de maio de 2023

Wacquant, L. As duas faces do gueto. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2008

